

Médico quer fiscalização nos hospitais

**BELO HORIZONTE
AGÊNCIA ESTADO**

O presidente da Comissão de Infecção Hospitalar da Fundação Hospitalar de Minas Gerais (Fhemig), Antônio Guilherme Roscoe Ferreira, conclamou ontem, em Belo Horizonte, a população brasileira a sair às ruas para exigir das autoridades a defesa da sua própria vida, através do controle das infecções nos hospitais do País.

O médico e pesquisador lamentou ter sido necessário que uma suposta infecção hospitalar acometesse o presidente eleito Tancredo Neves para que o assunto entrasse na ordem do dia, quando milhões de brasileiros diariamente são vítimas do problema. Ele criticou o não cumprimento da portaria 196, baixada em julho de 1983 pelo Ministério da Saúde, obrigando os hospitais a constituírem uma comissão de infecção hospitalar, para poder controlá-la.

Segundo o pesquisador, embora a maioria dos hospitais brasileiros tenha essas comissões, não existe meia dúzia delas funcionando efetivamente. O que ocorre, ao contrário, é que são exageradas as quantidades de medicamentos, e pacientes contaminados não são separados dos não contaminados. Outras providências simples, previstas pela portaria, não são cumpridas, lamentou ele, como lavar as mãos ou vestir-se adequadamente para atender o paciente.

O higienista paulista Antelo José Boggio também criticou a insegurança nos hospitais do País, afirmando que a maioria dos produtos de limpeza e desinfecção hospitalar usados não são os adequados. Segundo ele, além da falta de técnicos capacitados no assunto, os hospitais preferem comprar os produtos mais baratos, nem sempre apropriados, e falta também diálogo entre os fornecedores desses produtos e seus usuários.

Para Antônio Roscoe Ferreira, a população deve ficar alerta quanto ao hospital escolhido para sua internação e, quando possível, evitar o internamento, preferindo o tratamento ambulatorial. Embora ressaltando que infecção hospitalar não significa, necessariamente, a morte do paciente, já que a mais comum é a infecção urinária, o pesquisador lembrou que ela leva ao tratamento prolongado do paciente, acarretando mais gastos para ele e sua família e também para a instituição mantenedora do hospital.